

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: DESAFIOS E OPORTUNIDADES NO USO DAS TECNOLOGIAS PARA MANTER O ENSINO E APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA

Lucinéia de Souza Gomes¹
Luiz Rodrigo de Oliveira²
Maria Elizabete Rambo Kochhann³

RESUMO: O presente trabalho pretende contribuir para uma reflexão pedagógica e social sobre os recursos tecnológicos disponíveis, principalmente voltados à sala de aula, o uso eficiente da internet como ferramenta educacional em um momento bastante desafiador para a sociedade como um todo e especialmente à comunidade escolar, que foi a emergência sanitária de Covid-19. O mundo digital faz parte da nossa vida e há nele ferramentas extraordinárias no desenvolvimento do processo educacional, porém ainda há muitos limitadores na escola, nas práticas pedagógicas, principalmente, na mente das pessoas, no despreparo para o uso e no acesso desigual às tecnologias que merecem estudo e atenção. Esta mudança social, onde a saúde pública era prioridade, exigiu que todos tivessem sua rotina alterada, com a impossibilidade de estar de forma física nos ambientes escolares, profissionais da Educação e estudantes despenderam um esforço enorme para adequar-se ao uso de plataformas on-line, salas de aula virtuais, e todos os desafios necessários para manter minimamente o contato, tão necessário, entre estudantes e professores neste novo modelo de aprendizado. Considerando essas proposições, foi desenvolvido um estudo objetivando compreender de que maneira a Educação foi afetada pelas mudanças decorrentes da pandemia e, especialmente, procurou-se analisar como os educadores absorveram as oportunidades e os desafios desse período em suas vidas, especificamente em relação ao emprego das ferramentas tecnológicas de informação na vida profissional. Analisar os aspectos problemáticos ou desafios vividos e citados pelos professores naquele momento é também uma oportunidade de perceber que muitos deles ainda são pontos de referência quando o assunto são as fragilidades para oferecer uma Educação de todos e para todos, principalmente no quesito tecnologia e qualidade.

Palavras-chave: Comunicação. Tecnologia. Recursos pedagógicos. Desafios. Ensino remoto e educação.

¹ Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT) - Professora Pedagoga da Educação Básica. Doutoranda em Ensino de Ciências e Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática - PPGECM/UNEMAT/Barra do Bugres/MT.

² Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Estadual de Mato Grosso (UNEMAT) - Professor Pedagogo da Educação Básica - Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC/MT).

³ Doutorado em Educação para a Ciência pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007). Pós-Doc pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (2012) e pela Universidade de Aveiro (2015). Docente efetiva na Licenciatura em Matemática - Educação Matemática da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA - PR - Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA • Foz do Iguaçu, PR.

ABSTRACT: This work aims to contribute to a pedagogical and social reflection on available technological resources, mainly those focused on the classroom, and the efficient use of the internet as an educational tool during a very challenging time for society as a whole, and especially for the school community, which was the Covid-19 health emergency. The digital world is part of our lives and offers extraordinary tools for the development of the educational process; however, there are still many limitations in schools, in pedagogical practices, and especially in people's minds, in the lack of preparedness for its use, and in the unequal access to technologies that deserve study and attention. This social shift, where public health was a priority, required everyone to alter their routines. With the impossibility of being physically present in school environments, education professionals and students expended enormous effort adapting to the use of online platforms, virtual classrooms, and all the challenges necessary to maintain minimal contact, so necessary, between students and teachers in this new learning model. Considering these propositions, a study was developed aiming to understand how education was affected by the changes resulting from the pandemic and, especially, to analyze how educators absorbed the opportunities and challenges of this period in their lives, specifically in relation to the use of technological information tools in their professional lives. Analyzing the problematic aspects or challenges experienced and cited by teachers at that time is also an opportunity to realize that many of them are still points of reference when the subject is the weaknesses in offering education for all, especially in terms of technology and quality.

Keywords: Communication. Technology. Pedagogical resources. Challenges. Remote learning. And education.

1- INTRODUÇÃO

2

O ano de 2020 foi bastante atípico na história humana. A pandemia do Covid-19 marcou mudanças significativas em todas as esferas da sociedade, principalmente nas relações sociais na maneira como se enxergaria a vida a partir de então. Viveram-se dias de muito medo, incertezas e desafios. Ao mesmo tempo em que o isolamento social era uma regra, manter atividades essenciais era necessário, e a comunicação se incluía nas essencialidades, era, aliás, a base para a divulgação de informações e propagação de conhecimento, também e principalmente, sobre a própria realidade pandêmica que passaríamos a viver.

Fazer uso da tecnologia como ferramenta de trabalho se tornou um recurso primordial em quase toda a sociedade e também um grande desafio para muitas pessoas. Na Educação já era uma necessidade inadiável, presente na vida de muitos profissionais, até estudada, discutida e reconhecida por fazer parte do cotidiano da maioria dos indivíduos. O que não se esperava, era que de maneira repentina e sem aviso prévio, se tornaria o único recurso pedagógico capaz de ajudar naquele momento, e a única possibilidade de manter o tão necessário vínculo entre professor e aluno.

Diante do desafio, a Educação precisou se adaptar, enfrentando dificuldades em todas

as etapas de ensino, a comunidade escolar, especialmente na figura do professor, ganhou a responsabilidade de se reinventar e manter o compromisso de EDUCAR, dando ênfase às atividades com um objetivo muito maior que o de simples repasse do currículo previsto em cada componente curricular. Em cada texto ou atividade proposta pelo professor, o compromisso de atribuir um significado não restrito ao âmbito escolar. Utilizar nos espaços adaptados da própria casa, as formas e meios comunicativos, principalmente tecnológicos com uma função social que oportunizaria uma possibilidade de promoção e crescimento integral e principalmente acolhimento das pessoas de todas as classes, fossem alunos, famílias e colegas.

Observando como a pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 impactou o dia a dia de toda uma sociedade, o trabalho que se apresenta pretende proporcionar um estudo acerca de como a rotina escolar foi alterada e principalmente como alguns professores e alunos de anos ou grupos escolares específicos tiveram maiores dificuldades, principalmente a Educação Especial e os Anos Iniciais (alfabetização). Faz-se necessário pensar sobre práticas antes inimagináveis que se tornaram cotidianas, as mudanças ocorridas a partir do uso quase que exclusivo de recursos tecnológicos disponíveis nas casas, ou até mesmo a carência deles.

Objetiva-se com este estudo refletir sobre alguns desafios e também as conquistas educacionais oportunizadas pelo uso mais direto da tecnologia nos ambientes escolares, e principalmente fora deles, durante e após a pandemia. Tomaremos por base relatos de experiências de professores que com seus estudantes aprenderam juntos, em uma dinâmica nunca antes vivida, e em um momento de muita fragilidade social, sobretudo utilizando de recursos tecnológicos digitais como principal ferramenta comunicativa e recurso didático, numa perspectiva de ensino e aprendizagem “em sala de aula” à distância.

Para dar conta de atender ao tema proposto, a metodologia da pesquisa empreendida, cujos resultados aqui serão apresentados, se caracteriza como qualitativa, do tipo bibliográfico. A pesquisa qualitativa pressupõe que, depois de levantar o conhecimento acumulado (pesquisa bibliográfica) sobre o tema a ser estudado, e se apropriar deste conhecimento, principalmente dos conceitos fundamentais para sua compreensão, será preciso investir na coleta dos dados a serem examinados durante a investigação. A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza, segundo Severino (2007, p. 122) a partir do “[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categoria teóricos já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de

contribuição de autores dos estudos analíticos constantes dos textos”.

Assim, além do estudo sobre o uso de recursos tecnológicos na Educação e as novas estratégias de ensino-aprendizagem em tempos de Covid-19 o trabalho será desenvolvido por meio de duas metodologias de pesquisa: (i) pesquisa bibliográfica e (ii) entrevistas com dois professores que representarão os desafios e aprendizados da Educação em meio à pandemia.

2- DESENVOLVIMENTO

Comunicar-se de maneira clara, concisa e objetiva, ter argumentação e coerência ao fazer uso do ato comunicativo é essencial dentro e fora do ambiente escolar, especialmente em relação à interação mais pragmática. Fazer uso da tecnologia na educação já é uma necessidade inadiável, reconhecida na vida de muitos profissionais da educação, além de fazer parte do cotidiano de muitos indivíduos. No entanto, é preciso se dar conta de que a forma com que esse recurso deve ser empregado em sala de aula nem sempre é clara.

Desde a educação infantil até o ensino médio, a matéria da comunicação e expressão deveria dar ênfase às atividades com um objetivo maior que o da simples correção do texto ou das atividades propostas pelo professor e atribuição de uma avaliação restrita ao âmbito escolar. Utilizar na escola as muitas formas e meios comunicativos, inclusive tecnológicos com uma função social oportunizaria a promoção do crescimento integral das pessoas de todas as classes, adotando e valorizando várias formas de comunicação.

Considerando ainda que seja nas interações diárias, que o ser universal (o homem) pensa, sente e age a todo instante através das relações sociais de que faz parte. É preciso, portanto, haver uma educação voltada para a cidadania. As pessoas agem a partir de uma relação de trocas culturais, modificam a si mesmas, aos outros e à natureza, resultando no desenvolvimento social.

Observando o trabalho desenvolvido como profissional da Educação e os desafios vividos a partir da emergência sanitária de Covid-19, que surgiu a necessidade de refletir sobre práticas cotidianas, as mudanças ocorridas e do uso de recursos tecnológicos disponíveis no ambiente escolar, a proficiência de educadores e estudantes para o uso eficiente, ou até mesmo a carência deles para servir de instrumento pedagógico.

O artigo científico “EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: Desafios e oportunidades no uso das tecnologias para manter o ensino e aprendizagem em tempos de pandemia” será o resultado de leituras e reflexões numa perspectiva de crescimento profissional e melhoria da qualidade no

processo de ensino-aprendizagem. Dito isso, fica clara a necessidade de estudar, pesquisar e ouvir experiências bem sucedidas nas práticas pedagógicas presentes nas “salas de aula virtuais das escolas”, como também as angústias e desafios vividos pelos professores e relatados através das entrevistas.

A pesquisa de natureza qualitativa pode ser classificada como de cunho descritivo. A grande contribuição das pesquisas descritivas é proporcionar novas visões sobre uma realidade já conhecida, visões essas discursivizadas em detalhes de forma a proporcionar a compreensão global do problema e suas possíveis soluções.

Considerando o acima exposto e que o tema proposto - “EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: Desafios e oportunidades no uso das tecnologias para manter o ensino e aprendizagem em tempos de pandemia” - não é algo novo, apresentando inúmeros relatos de experiências e também muitos estudos catalogados, definiu-se como foco central desse artigo uma pesquisa bibliográfica acerca do tema e seu estado atual, sem ser exaustivo, mas apontando perspectivas mais evidentes e os desafios mais urgentes, a partir da observação do uso das tecnologias digitais pelos docentes e estudantes no momento específico da pandemia.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de reflexão e de estudos constantes acerca do tema e, principalmente, das práticas pedagógicas de forma a criar um conjunto de conhecimentos que propiciem aulas mais interativas, interessantes e efetivamente mais educativas, para isso enfatizando o uso das tecnologias disponíveis, além das formas usuais, no trabalho cotidiano escolar, e principalmente, pela necessidade de evidenciar como a Base Nacional Comum Curricular (2018) vem tratando da questão do uso de tecnologias digitais na escola.

Simplemente usar ferramentas tecnológicas na escola, como fim em si mesmas, não é bem o objetivo. Sendo assim, vale a pena pesquisar e experimentar para descobrir de que maneiras a tecnologia pode ser empregada para melhorar efetivamente o aprendizado dos alunos e o dia a dia dos professores.

Falar em tecnologias digitais no âmbito do processo ensino-aprendizagem bem como no nosso cotidiano não é difícil; parece que tudo gira em torno deste novo mundo e cada vez mais em expansão. Quase todas as atividades realizadas na escola envolvem de alguma forma o uso de algum recurso tecnológico, sejam para pesquisa ou apresentação de atividades, desenvolvimento de projetos, pequenos seminários, uso da lousa digital, filmar, gravar, editar, expor e divulgar assim, os blogs ganham vida todos os dias a partir desse compartilhar de

experiências. Tudo isso facilitou muito a vida dos professores, as aulas com certeza ganharam vários recursos que exploram as muitas habilidades de cada estudante, sem contar que se revela algo que os alunos sempre têm muito interesse, pois não conseguem imaginar a vida sem o uso da internet e tudo que gira em torno dela.

O uso de objetos educacionais digitais é defendido com entusiasmo por diversos autores, por entenderem que a educação formal, liderada pela escola, não pode continuar distanciada das práticas sociais de linguagem que, nos dias de hoje, transcendem os limites do oral e do escrito e colocam-nos a todos em contato permanente com diferentes mídias e linguagens.

Segundo Moran, Masetto e Behrens (2003), as tecnologias que num primeiro momento são utilizadas de forma separada - computador, celular, internet, mp3, câmera digital - caminham na direção da convergência, da integração, dos equipamentos multifuncionais que agregam valor e estas tecnologias começam a afetar profundamente a educação. Esta que sempre esteve presa a lugares e tempos determinados: escola, salas de aula, calendário escolar, grade curricular.

Há vinte anos, para aprender oficialmente, tínhamos que ir à escola. E hoje? Continuamos, na maioria das situações, indo ao mesmo lugar, obrigatoriamente, para aprender. Há mudanças, mas são pequenas, diante do peso da organização escolar como local e tempos fixos, programas oficiais de aprendizagem. Na área da comunicação, a maioria das aulas já adota uma perspectiva de trabalho com diferentes linguagens e gêneros de discurso - a linguagem do cinema, dos quadrinhos, da pintura, dos cartuns, da fotografia e diferentes gêneros literários e não literários, como o poema, o conto, a crônica, o teatro, a notícia, o editorial, o e-mail, o relato pessoal, o seminário e o debate regrado -, fugindo um pouco do livro impresso e das atividades exclusivamente escritas, porém diante das mudanças sociais percebe-se que há necessidade de ir adiante.

As tecnologias chegaram à escola, mas estas sempre privilegiam mais o controle, a modernização, a infraestrutura e a gestão do que a mudança de perspectiva educacional. Os programas de gestão administrativos estão mais desenvolvidos e presentes na escola do que os voltados à aprendizagem. Há avanços na virtualização da aprendizagem, mas só conseguem arranhar superficialmente a estrutura pesada em que estão estruturados os vários níveis de ensino.

É comum presenciarmos dentro da escola duas manifestações por parte dos professores e gestores quando se discute o uso de tecnologia na educação, a positiva, na premissa de que se

a criança e o jovem em seu dia a dia navegam na Internet, participam de redes sociais, comunicam-se por telefones celulares e computadores, então eles se motivariam muito mais a lidar com os conteúdos escolares, desde que estes estivessem vinculados às tecnologias. Por outro lado, negativamente, questionando se os alunos estão prontos para a multimídia e afirmando que os professores, em geral, não estão.

Como diz Moran, Masetto e Behrens (2003), os professores sentem cada vez mais claro o descompasso no domínio das tecnologias e, em geral, tentam segurar o máximo que podem, fazendo pequenas concessões, sem mudar o essencial. Muitos professores têm medo de revelar sua dificuldade diante do aluno. Por isso e pelo hábito mantêm uma estrutura repressiva, controladora. Muitos sabem que precisam mudar, mas não sabem bem como fazê-lo e não estão preparados para experimentar com segurança.

Há também o fato de muitas instituições exigirem mudanças dos professores sem dar-lhes condições para que eles as efetuem. Não basta introduzir computadores, conectar a escola à internet e esperar que só isso melhore os problemas do ensino. Entendemos que as tecnologias não devem ser um fim em si, nem tampouco servirem apenas como ferramentas, suportes ou veículos para tradicionais conteúdos escolares. Substituir um livro impresso por um “tablet” não muda necessariamente a relação dos alunos com a construção do conhecimento. Os administradores se frustram ao ver que tanto esforço e dinheiro empregados não se traduzem em mudanças significativas nas aulas e nas atitudes do corpo docente.

Acredita-se que a relação entre o livro impresso e as tecnologias digitais voltadas a educação deve ser a de complementaridade, e não de substituição de um pelo outro.

Como diz (Barbosa *apud* Cereja e Cochar, 2015, p. 317),

Cada vez mais a participação social passa pela possibilidade de compreensão e produção de textos em circulação que, por sua vez, demandam um domínio de diferentes linguagens e mídias. Ao invés de uma perspectiva de substituição entre mídias, como previam alguns discursos mais fatalistas, quando afirmavam que o surgimento da TV determinaria o fim do rádio, ou quando chegaram a sugerir, mais modernamente, que a internet poderia levar ao fim do livro ou dos jornais impressos, o que vemos hoje é uma crescente convivência e até complementaridade entre essas linguagens e mídias. Muitos textos contemporâneos acabam sendo constituídos por diferentes linguagens e são suportados por diferentes mídias que se interpenetram.

A escola é uma instituição mais tradicional que inovadora e tem resistido bravamente às mudanças. Os modelos de ensino focados no professor continuam predominando, embora muitos estudos sinalizem a necessária mudança do foco do ensino para aprendizagem. Tudo isso mostra que não será fácil mudar esta cultura escolar tradicional, que os passos serão lentos, porém necessários.

Além da contribuição pedagógica, a inclusão de recursos digitais educacionais no processo de ensino cumpre outro papel fundamental, que é o de possibilitar aos estudantes das escolas públicas o contato com o mundo digital. Da mesma forma que a alfabetização e o letramento são a garantia de inclusão do indivíduo na sociedade, o letramento digital é a extensão natural desse processo, considerando as exigências cada vez mais crescentes no mercado de trabalho e na vida social quanto ao domínio de ferramentas tecnológicas.

Contudo, não se entenda aqui a inclusão digital apenas como o domínio de máquinas e programas. Por trás da rede de máquinas está uma rede de pessoas que interagem pelas linguagens e atuam como sujeitos no processo de construção de identidades, de discursos e de conhecimento. Para o jovem que começa a ingressar no mercado de trabalho e começa a ter consciência de seus direitos e deveres com cidadão, já não basta ser alfabetizado. É necessário estar letrado e incluído digitalmente, sintonizado com as grandes questões que circulam na sociedade brasileira ou no mundo, e estar em condições de se expressar e se posicionar por meio de gêneros e ferramentas adequadas. A inclusão digital dos menos favorecidos, com menos acesso aos recursos tecnológicos é também uma forma de combater as diferenças sociais.

A inclusão digital é não apenas uma libertação dos limites do livro impresso e do espaço demarcado da sala de aula, mas também o início de uma nova relação com a aquisição do conhecimento e com a participação social. Sinalizam-se aqui novas formas de ensinar e aprender pautadas na Educação a Distância (EaD) a partir da legalidade dada pela LDB e a internet que as tornaram cada vez mais globalizadas, tirando a impressão social que as pessoas traziam dessa modalidade de ensino com o sendo de segunda classe, com menos qualidade. No entanto algumas competências e habilidades serão necessárias para o sucesso deste novo perfil de estudante e educador.

Segundo Moran, Masetto e Behrens (2003), com os processos convencionais de ensino e com a atual dispersão da atenção da vida urbana, estão ficando cada vez mais difícil a autonomia, as organizações pessoais, indispensáveis para a aprendizagem à distância. O aluno desorganizado poderá passar o tempo adequado para cada atividade, discussão, produção e poderá sentir dificuldade em acompanhar o ritmo do curso, isso poderá implicar na falta de motivação, prejudicando sua própria aprendizagem e a do grupo, muitos abandonarão por não encontrarem motivação, ou o incentivo que os colegas dos cursos presenciais oferecem. Torna-se, então, necessário preparar este estudante ao novo processo, que atrai pela possibilidade de adaptação ao ritmo de cada um, de escolher os melhores tempos de aprender, de ter mais

autonomia, de desenvolver as competências digitais, fundamentais para a empregabilidade e a inserção no mercado de trabalho e sociedade de informação, porém exige disciplina e dedicação.

A educação a distância está evoluindo rapidamente no Brasil. A comunicação entre professores e alunos tornou-se mais rápida e eficiente, graças às tecnologias telemáticas. Educar em ambientes virtuais exige mais dedicação do professor, mais apoio de uma equipe multidisciplinar, mais tempo de preparação e, principalmente, para acompanhamento. Muitos professores pensam que basta reproduzir as técnicas praticadas no presencial e já estão prontos. Demora a adquirir a competência de gerenciar fóruns, atividades digitais, de serem proativos com alunos silenciosos. Em contrapartida, para o aluno há um ganho significativo no modo de aprender, na adaptação ao seu ritmo de vida, desde que aprendam a gerenciar suas atividades em tempos flexíveis e sem a supervisão direta, uma vez que estão acostumados a terem professores como apoio visível, esperando passivamente pela informação pronta. Vale ressaltar que, em função da maturidade exigida e a consciência da necessidade de aprender, esse é um modelo de educação ainda muito mais eficiente na fase adulta.

Segundo Moran, Masetto e Behrens (2003), o processo de mudança na educação não é fácil nem uniforme, é necessário que se vá mudando aos poucos, em todos os níveis e modalidades educacionais. Há uma grande desigualdade econômica, de acesso, de maturidade, de motivação das pessoas. Ainda alguns estão preparados para a mudança; outros, não. É difícil mudar padrões adquiridos e o pior de todos os problemas é que nem todos têm acesso aos recursos tecnológicos, às informações significativas. Também tem sido apontada em muitas obras que analisam o quadro geral do País em relação ao ensino a distância, e ao uso de tecnologia digital que a maioria dos professores não está preparada para esse novo modelo de educação.

Haverá, nos próximos anos, uma aproximação significativa entre o presencial e a distância. O conceito de Educação a Distância está mudando rapidamente. De cursos por correspondência ou somente baseados em textos para leitura e escrita, estão começando, de maneira muito mais ampla, a organizar processos de aprendizagem com o forte apoio da internet. Em poucos anos, raramente teremos um curso somente presencial, por isso vale a pena inovar, testar, experimentar, porque avançaremos mais rapidamente e com segurança na busca destes novos modelos que estejam de acordo com as mudanças rápidas que experimentamos em todos os campos. Também pela necessidade atual de aprender continuamente.

Na Educação Básica em que a educação escolar evidencia-se como um direito e também

um componente primordial para o exercício da cidadania, o professor e a sua prática pedagógica desempenham um importante papel na medida em que é constituída das relações humanas, perpassando, assim, toda e qualquer prática social e, portanto todas as áreas específicas de construção do conhecimento e formação desta criança ou adolescente.

Quando o assunto é tecnologia voltada para a educação, destaca-se também a riqueza de oportunidades na inter-relação dos leitores e frequentadores da web, quando utilizam da possibilidade de ler, discutir e analisar as reflexões produzidas e disponíveis em rede, enfim há um conteúdo amplo e diverso totalmente à disposição dos usuários interessados. Para isso, é importante conhecermos e reconhecermos os recursos tecnológicos disponíveis que podem facilitar nossa comunicação e a maneira como podemos aprender, ensinar e crescermos humana e socialmente. Principalmente estando sempre abertos às mudanças e novas possibilidades.

Por outro lado, diante dessas mesmas possibilidades, que parecem somente melhorar a vida das pessoas, o que presenciamos socialmente e no trabalho cotidiano em sala de aula é uma realidade bem diferente: há ali o fruto de uma sociedade que respira tecnologia e se relaciona muito mal, vivepressionado, cada vez mais, a acelerar sua produtividade. O conceito de tempo passou a ser supervalorizado. Como reflexo, é importante refletirmos sobre a influência dos avanços tecnológicos no comportamento, nos valores e nas relações sociais da sociedade contemporânea, principalmente agora, tratando-se dos valores e espaços familiares.

10

Há muitos outros fatores a serem observados nestas novas dinâmicas das famílias brasileiras, porém o divórcio dos pais, a falta de uma constituição familiar saudável e estável, que seja favorável à formação de laços afetivos e desenvolvimento humano e social, são problemas percebidos no ambiente escolar e que atrapalham, e muito, o desenvolvimento cognitivo no processo de aprendizagem.

Desta forma, é importante refletirmos sobre o nosso papel como educadores, nessa sociedade de intensas transformações. Principalmente, levando em consideração que muitas situações negativas foram acentuadas pela pandemia, evidenciando ainda mais as fragilidades familiares e sociais. Como podemos contribuir na formação de cidadãos mais críticos quanto à conduta nos relacionamentos interpessoais, na utilização consciente e produtiva das mídias e recursos tecnológicos, das redes sociais e principalmente priorizar laços mais verdadeiros e duradouros.

Como nos fala Neitzel L. e Neitzel A. (2010, p. 95-96),

[...] De uma postura que permite rejuvenescer o processo educativo, uma procura constante que leve o professor não apenas à especialização, ao domínio de sua área, à investigação de novas estratégias de ensino, mas uma postura que lhe possibilite tornar-

se mais sensível, aliando o domínio afetivo ao cognitivo, e estimulando a participação, o diálogo e a autonomia dos alunos, [...] Reafirmando a necessidade de se criar situações em sala de aula em que o indivíduo seja estimulado a construir seu conhecimento, circunstâncias em que ele precise fazer escolhas diante de problemas que surgem espontaneamente, e não levantados num clima artificial.

O foco geral da BNCC é para o desenvolvimento de competências, esse assunto não é novo, já foi estudado e amplamente debatido nas últimas décadas por muitos estados e municípios de diversos países. Quando se discute e planeja de maneira pedagógica e social os rumos da educação se estabelecem finalidades, isso tanto para o Ensino Fundamental ou Médio. Avaliar o desenvolvimento de um país é principalmente observar os resultados obtidos na educação.

Ao adotar esse enfoque, a BNCC indica que as decisões pedagógicas devem estar orientadas para o desenvolvimento de competências. Por meio da indicação clara do que os alunos devem “saber” (considerando a constituição de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores) e, sobretudo, do que devem “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho), a explicitação das competências oferece referências para o fortalecimento de ações que assegurem as aprendizagens essenciais definidas na BNCC. (BNCC, 2018, p. 15).

Outro conceito amplamente debatido e citado na BNCC (2018, p. 16) é para a formação integral do educando, assunto esse que também não é novo, porém nem sempre analisado e trabalhado sob o mesmo ponto de vista e enfoque. Atualmente diante do grande número de informações e das maiores possibilidades de interação social, bem como todas as dificuldades e problemas sociais que enfrentamos, este trabalho tornou mais importante do que nunca, como se observa:

A sociedade contemporânea impõe um olhar inovador e inclusivo a questões centrais do processo educativo: o que aprender, para que aprender, como ensinar, como promover redes de aprendizagem colaborativa e como avaliar o aprendizado. No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades.

Como o Brasil é atualmente e sempre foi uma sociedade com realidades muito desiguais, desenvolver um trabalho que seja significativo e abrangente e, ao mesmo tempo, totalmente inclusivo, de modo que o projeto proposto pela BNCC logre o êxito esperado, não será uma missão fácil, requer mudanças, participação, investimentos e soma de esforços de todas as esferas envolvidas (União, Estados, Distrito Federal e Municípios).

Neste sentido, a BNCC (2018, p. 16),

Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades.

Diante da complexidade social imposta pelo vírus SARS-CoV-2 e dos desafios até aqui expostos no que concerne ao tema educação e o uso das tecnologias, e também para compreender um pouco melhor os desafios vividos na educação, as estratégias adotadas pelos professores para manter o vínculo com estudantes e familiares e a possibilidade de minimamente oportunizar momentos pedagógicos, bem como, o quão importante os recursos tecnológicos foram para este momento, seguem entrevistas com dois professores que representarão os desafios e aprendizados da Educação em meio à pandemia.

3- PROFESSORES ENTREVISTADOS – QUALIFICAÇÃO E RESPOSTAS

O Entrevistado1 (M.C.Z.) encontra-se na faixa etária entre 40 e 45 anos, tem licenciatura em Pedagogia pela Universidade Vizinhal em Dois Vizinhos/ PR – 2006 e Educação Especial – Unesco de Videira /SC – 2016. Possui especializações em: Ed. Especial e Inclusão, Neuropsicologia para professores, Ed. Infantil, Séries Iniciais e Contação de Histórias, ABA – Análise do comportamento Aplicada e Neuropsicopedagogia – registro nº SBNPp 23292. Além de muitos cursos de formação continuada, destacando: Aplicadora de ABA, aplicado do Método Panlexia plus e Lógica do Cálculo, Método Boquinhas, LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, entre outros. Atua na educação há 21 anos, atualmente como coordenadora de Ed. Especial e Inclusiva e Neuropsicopedagoga em Clínica, mas já trabalhou na Ed. Infantil e Anos Iniciais (alfabetização), como professora de AEE por 15 anos e gestão escolar. Reside e trabalha em Fraiburgo SC.

O Entrevistado2 (S.F.P.) também se encontra na faixa etária entre 40 e 45 anos, é formado em Pedagogia pela UNC- Universidade do Contestado/SC. Possui especializações em Neuropsicologia da Aprendizagem, Educação Infantil e Séries Iniciais e Educação Especial Inclusiva. Atua como docente há 27 anos, sendo alguns na Educação infantil e nos últimos vinte anos nas séries iniciais, especialmente como alfabetizadora.

Com relação ao questionamento sobre processo de ensino/aprendizagem, o entrevistado¹ vê como um desafio. Cada etapa ou modalidade de ensino tem seus desafios no processo de ensino e aprendizagem ao longo dos anos, porém atualmente veem questões como a inclusão, a influência das redes sociais, a interação com as tecnologias e recursos e as competências sócio-emocionais influenciando diretamente. Já o entrevistado², considera que nessa etapa as crianças estão em processo de transição da educação infantil (iniciando o ensino fundamental – alfabetização), o que nos mostra que ainda estão desenvolvendo habilidades cognitivas, sociais, emocionais e motoras básicas, exigindo então muita atenção, trabalho pedagógico e paciência.

No que concerne à participação dos referidos Docentes no tocante a algum tipo de formação continuada com relação à inserção das tecnologias na educação, o Entrevistado¹, diz já ter participado, mas confessa que não o suficiente, pois se dedicou mais a área da Ed. Especial. O Entrevistado², afirma também ter participado, porém de formações bem básicas.

Quando questionadas sobre a tecnologia aproximar os alunos ambas concordam. O Entrevistado¹ afirma que especialmente neste momento em que estamos totalmente à mercê das tecnologias, temos que usá-las como aliadas. Os alunos são desta era e acredita-se que é uma forma de aproximá-los e aproximá-los da aprendizagem. O Entrevistado², completa dizendo que durante o tempo de pandemia houve uma aproximação ainda maior, sendo a única forma de comunicação entre alunos e instituições de ensino.

Com relação às oportunidades e desafios que este momento está “ensinando” para a educação, o Entrevistado¹, afirma que o desafio seja para os professores que não nasceram inseridos na tecnologia e têm que aprender para ensinar utilizando esses recursos, e entender que podem ser aliados e não vilões que afastando os alunos do processo formal de aprendizagem, tornando a aprendizagem mais acessível e utilizando “a linguagem” dos nossos alunos. No entanto, vive-se uma dicotomia entre o fato de que nem todas as famílias têm acesso, nem todos os professores estão preparados ou abertos ao aprendizado e os prós e contras do uso das tecnologias na educação. E o Entrevistado² acredita que para muitos, a maior dificuldade foi a falta de acesso entre as famílias, especialmente na pandemia, estas não estavam nada preparadas para a transição de modo do ensino dos seus filhos. Ainda na fala da entrevistada: “é claro que os professores também não estavam”.

No tocante às maiores dificuldades em lidar com a tecnologia, o Entrevistado¹, disse se adequar o trabalho, os conteúdos, a forma de ensinar aos recursos tecnológicos e aprender a usar

esses recursos. Ainda mais por não se considerar resistente, e ainda não usar todos os recursos a seu favor e a favor da aprendizagem dos alunos. O Entrevistado₂ completou afirmando que havia falta de conhecimento, pois o uso da tecnologia era, até então, um suporte de trabalho e não como peça fundamental no processo de ensino e aprendizagem, como foi no momento da pandemia.

Ao serem questionados acerca das características desse tipo de educação tecnológicas, o Entrevistado₁ mencionou que aproveitar as informações e os recursos e usar como aliada é a melhor estratégia, porém mostrar aos alunos que o conhecimento, a prática e aprendizagem vão além do que se encontra “pronto” ou em qualquer aplicativo, site... ainda saber ler as informações de forma crítica e construtiva e entender essa relação. Completa dizendo que não há como fugir e nem se deve, mas dar significado e intencionalidade. Os professores têm que saber o que o aluno precisa aprender, o que realmente é necessário e significativo para sua vida escolar e profissional e usar as tecnologias para aproximar o conteúdo técnico e teórico à linguagem tecnológica dos alunos. O Entrevistado₂ acrescenta apenas que uma educação híbrida (presencial + online: combinação de aulas presenciais com atividades digitais) será importante e a tendência para os próximos anos.

No que compete ao processo de formação docente e às competências que professor precisa para enfrentar o momento atual, o Entrevistado₁ responde que conhecer esses recursos e aprender a usar na formação docente ajudaria muito a inserir na prática; diferente da sua formação que foi muito teórica e num momento que as tecnologias não estavam em evidência. Hoje estamos tendo que aprender com cursos de formação continuada e até sozinhos, aprender fazendo. Na faculdade minha primeira graduação (2002 – 2006) iniciou uso de computador, de pendrive, CD e DVD, de trabalhos digitados, de leitura em ebook... era algo novo e 20 anos após parece outro mundo. Atualmente, as escolas em geral, contam com lousas digitais, computadores, tablets, aplicativos, material didático on-line. Os professores precisam usar esses recursos para transmitir conhecimento e levar o aluno à aprendizagem, eis o desafio. Já o Entrevistado₂ afirma que durante e após o período da pandemia, o papel do professor se transformou de maneira significativa para enfrentar esse cenário desafiador, o processo de formação docente precisou priorizar o desenvolvimento de um conjunto de competências — técnicas, pedagógicas, socioemocionais e digitais como uso de plataformas, de ensino remoto, criação de conteúdos digitais (vídeos, materiais interativos) e utilização de ferramentas de avaliação online.

No tocante ao tipo de risco que esse modelo de educação remota poderia trazer, para o Entrevistado₁, pode ser acreditar que esse modelo é o único ou principal para chegar a aprendizagem, usar demasiadamente recursos tecnológicos e esquecer o verdadeiro propósito de aprendizagem formal. O Entrevistado₂, deu ênfase às dificuldades percebidas em tempos de ensino totalmente remoto, onde ocorreram várias situações que defasaram Na aprendizagem dos alunos. Ressaltou os principais desafios: ambiente doméstico inadequado para o estudo, baixo engajamento dos alunos em ambientes virtuais, dificuldade de concentração e motivação em casa, fraudes e “colas” em avaliações online, dificuldade em avaliar processos cognitivos mais profundos, redução da interação social entre alunos, fundamental para o desenvolvimento socioemocional. E o mais preocupante, sentimentos de solidão, ansiedade e desmotivação, especialmente em crianças e pais que não viam resultados nos seus esforços, faltando, muitas vezes, a devolutiva do material.

Na questão referente se a tecnologia pode transformar a Educação e de que forma, o Entrevistado₁ acredita que sim, pois estamos imersos neste contexto e ela pode ser aliada se soubermos usar com consciência os recursos disponíveis. O Entrevistado₂ também concorda e completa dizendo que a tecnologia pode transformar profundamente a educação, e já está fazendo isso, no entanto, essa transformação não é automática nem neutra, ela depende de como é aplicada, com quais objetivos e em que contexto, sendo utilizada também com autonomia e inteligência.

15

Quanto às soluções tecnológicas que podem ajudar os estudantes, o Entrevistado₁ cita principalmente uso de IAs, como ChatGPT, ambientes virtuais interativos, a robótica educacional, sala de aula virtual como Googleclass, as tecnologias assistivas, recursos de tecnologia adaptada e aumentativa... O Entrevistado₂, completa apontando os recursos: plataformas adaptativas que ajustam o conteúdo ao nível e ao ritmo de cada aluno. Vídeoaulas, bibliotecas digitais tornam o conhecimento acessível a qualquer hora e lugar. Uso de recursos multimídia (vídeos, simulações, jogos educativos). Recursos como audiodescrição, leitores de tela, legendas automáticas e materiais interativos ajudam alunos com deficiência.

Ao serem questionados como a pandemia impactou a forma de utilizar a tecnologia nas aulas, o Entrevistado₁ diz que na época foi recebida de forma quase que impositiva, depois se tornou mais acessível e hoje acredita que haja o equilíbrio, no entanto, aumentou muito o uso após a pandemia. Já para o Entrevistado₂ a pandemia ensinou que a tecnologia, quando bem usada, não substitui o professor, mas o potencializa. “Hoje sempre utilizo de tecnologia como

parte integrante do meu planejamento, da minha didática e da forma como construo vínculos e aprendizagens com meus alunos e acredito que grandes resultados se dão a isso”.

Quanto aos maiores desafios enfrentados ao migrar para o ensino remoto, o Entrevistado₁, citou a comunicação com a família, desde o envio, recebimento, compreensão das atividades a serem desenvolvidas e retorno, ainda mais por trabalhar na época com crianças com deficiência (AEE), necessitando muitas vezes de materiais didáticos para manuseio e muitas famílias tinham dificuldade em auxiliar seus filhos neste processo. O Entrevistado₂ apontou a falta de equipamentos (computadores, tablets, smartphones), conexão precária ou inexistente com a internet, especialmente em áreas rurais. Reforçou a redução da interação social entre alunos, fundamental para o desenvolvimento socioemocional, uma vez que a escola exerce uma função social importante: alimentação, acolhimento, proteção contra abusos, convivência social e no ensino remoto, muitas crianças ficaram vulneráveis sem esse suporte. Concluiu que a relação pedagógica é também afetiva e relacional, no ambiente remoto, perdeu-se essa interação, reduzindo o ensino a uma transmissão de conteúdos, perdendo o vínculo e a escuta fundamentais para crianças em processo de alfabetização.

Quando perguntado sobre de que maneira a tecnologia ajudou a manter o engajamento dos alunos durante o período de pandemia, o Entrevistado₁, afirmou que foi a única forma de aproximação, mantendo o contato escola/família e acesso aos conteúdos curriculares, do contrário, teríamos uma lacuna ainda maior na aprendizagem escolar. O Entrevistado₂, completa dizendo que a tecnologia foi uma aliada fundamental para manter o engajamento dos alunos durante o ensino remoto, especialmente, em um momento marcado por distanciamento, incertezas e desafios emocionais. Embora não tenha sido uma solução mágica, ela possibilitou novas formas de se conectar com os estudantes, tornar as aulas mais atrativas e manter a aprendizagem em andamento.

Perguntado sobre como cada professor lidou com as questões de acessibilidade e inclusão digital entre seus alunos durante a pandemia, o Entrevistado₁, iniciou afirmando que não tiveram 100% de êxito, muitas famílias não tinham acesso às tecnologias, especialmente no interior, tivemos que produzir materiais, organizar recursos e levar fisicamente até as famílias. Meus alunos em especial, já possuíam dificuldade de aprendizagem, sem o auxílio de familiares, se tornou ainda mais difícil, pois a maioria não possuía autonomia para uso dos recursos. O Entrevistado₂ explicou que logo no início, fez um levantamento junto aos alunos e às famílias para entender: quem tinha computador, celular ou apenas material impresso. Quem tinha

conexão com a internet. Quem precisava de apoio extra, como alunos com deficiência ou necessidades específicas.

Terminamos questionando sobre como cada entrevistado imagina a sala de aula do futuro, o Entrevistado1, finaliza dizendo que utilizando cada vez mais recursos tecnológicos, interagindo com a realidade, a facilidade e o interesse dos alunos, porém sem esquecer a intenção pedagógica e o foco na aprendizagem. Já o Entrevistado2, expõe que na área que atua em alfabetização e letramento, não consegue ver aulas sem a mediação humana e o vínculo entre os alunos. Porém acredita que recursos tecnológicos cada vez mais modernos tornarão aulas mais atrativas, que conseqüentemente ajudarão os alunos a aprender com mais rapidez e autonomia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo temas como inovação, inclusão, recursos tecnológicos e educação foram discutidos e estudados, tanto por estudiosos quando pelas comunidades escolares e tidos como desafiadores e morosos, a pandemia fez com que de um dia para o outro, literalmente, esse processo fosse muito acelerado. Houve pontos positivos com tudo isso, não se entenda aqui viver a pandemia e todas as suas conseqüências devastadores novamente, mas a possibilidade de aprender e crescer diante do desafio apresentado, impulsionado pelos muitos limitadores impostos, tanto a professores, quanto estudantes e familiares. A Educação nunca mais será a mesma, dizem os professores entrevistados, por muitos anos se viverão reflexos, tanto positivos quanto negativos, que servirão de marco de uma época de crescimento e sofrimento para toda a sociedade.

Que estas experiências relatadas representando a realidade vivida por tantos educadores, estudantes e familiares durante o período da pandemia sirvam de exemplo e reflexão dos passos dados por todos para uma educação mais atrativa, acolhedora e de fato de todos e para todos.

Tudo faz parte de um processo onde se permite identificar pontos fortes e fracos, ajustar as estratégias e corrigir possíveis desvios. Como saber se o trabalho alcançou os objetivos desejados? Seria ingênuo pensar que toda comunidade estaria na mesma página, porém aqui será imprescindível o papel de articuladores, entusiastas, mentores, para que com muita sensibilidade e tato vão criando estratégias de engajamento, avaliando os avanços e principalmente incentivando a continuar, valorizando a forma como cada um consegue contribuir em cada etapa neste processo de evolução.

O que dará certo ou não, saberemos com o desenvolver dos anos letivos, com a maneira

como cada educador, a exemplo dos entrevistados, desafiará seu estudante. Mas uma coisa é certa, o lúdico incentiva por si só, não há estudante que não goste de realizar uma atividade prática e a tecnologia cumpre muito bem este papel, e isso já é meio caminho andado para que a proposta de continuar investindo conhecimentos e recursos possa ser avaliada e compreendida como possível.

REFERÊNCIAS

CEREJA, William, COCHAR, Thereza. **Português: linguagens**. São Paulo: Saraiva, 2015.

MORAN, José Manuel; MASETTO Marcos; BEHRENS, Marilda. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 7. ed. São Paulo: Papirus, 2003.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº 9394**. Brasília, 2006.

_____. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, 2018.

NEITZEL, Luiz Carlos; NEITZEL, Adair de Aguiar. **Leitura e produção em meio digital**. Coleção Leitura em zero e um. Florianópolis: UFSC, 2010, p. 93-109.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Proposta Curricular de Santa Catarina**, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 122.